

Keynes e Polanyi é portador de pistas frutíferas para um projeto socialista que não pode deixar de ser um projeto de democratização da economia. Seja como for, o caminho começa por resgatar a

democracia da globalização neoliberal, e aí Kuttner é útil para uma social-democracia desorientada dos dois lados do Atlântico.

João Rodrigues

Mazzucato, Mariana (2019), *O valor de tudo. Fazer e tirar na economia global*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 428 pp. Traduzido por Artur Lopes Cardoso

Mariana Mazzucato – reputada economista na área da Economia da Inovação e fundadora do Institute for Innovation and Public Purpose da University College London – publicou em 2018 a obra *The Value of Everything*, traduzida em 2019 para o português. Este livro vem na sequência, como a autora refere desde logo nos agradecimentos de uma obra anterior, *The Entrepreneurial State*, de 2005, adensando agora um conjunto de argumentos focados no *valor*.

Estruturado em nove capítulos e escrito numa narrativa dirigida a um público não exclusivamente académico, este livro, ancorado na Economia Política, condensa um conjunto de argumentos centrais para debater questões como: O que é a riqueza? Qual é a origem do valor? Como é ele criado? Quem o cria? Tal como refere Mazzucato no início da obra, “o modo como discutimos o valor afeta o modo como todos nós, desde as gigantes cas multinacionais ao lojista mais modesto, nos comportamos como atores na economia e o modo como, por sua vez, se repercute na economia e como medimos o seu desempenho” (p. 22).

Começo por destacar o enquadramento temporal, presente no duplo enfoque histórico que a autora adota na abordagem dos fenómenos e do pensamento económicos e evidenciando como as ideias económicas têm impacto na realidade. É fundamental compreender de que modo,

genericamente, a história do pensamento económico é marcada pela evolução do conceito de valor, isto é, desde a identificação do fator que confere valor a um bem ou serviço para o mecanismo que calcula este valor com base no preço desse bem ou serviço no mercado. Esta transformação tem consequências notórias, não apenas na compreensão da realidade, mas também na justificação das ações políticas e económicas que sobre ela incidem.

O livro tem a particularidade de, precisamente, começar e terminar pela abordagem da história do pensamento económico sobre o par por demais debatido: economia *versus* Estado (capítulos 1, 2 e 8). Nesta discussão, a autora evidencia como as perspetivas sobre o valor foram marcando o olhar sobre os vários atores em presença na estrutura económica e de que forma, no momento presente, o legado hegemónico dos marginalistas conduz a interpretações enviesadas acerca do papel do Estado, concebendo-o como um ator social “improdutivo” e, logo, não criador de valor. Mas basta lembrar, como refere Mazzucato, que “o Estado é amiúde o proprietário de empresas produtivas como caminhos de ferro, serviços postais ou fornecedores de energia” (p. 330).

O livro destaca o facto de os mercados não serem um “dado”, mas uma “construção”. A partir de uma aceção da economia como intrinsecamente incrustada na estrutura social (como diria Karl Polanyi),

Mariana Mazzucato evidencia como os “mercados” resultam de uma multiplicidade e combinações de fatores, cujas configurações exigem uma abordagem da sua complexidade. Na reflexão sobre a inovação (capítulo 7), encontramos a discussão acerca da criação de produtos e soluções inovadoras. Valerá a pena deter a atenção sobre este capítulo, que considero ser o mais consistente (não sendo de estranhar, atendendo a que é a área de especialização da autora – possivelmente por ser também baseado no livro acima referido, *The Entrepreneurial State*). Focando casos paradigmáticos como o da indústria farmacêutica e dos setores das tecnologias, a autora chama a atenção para dois aspetos que me parecem essenciais. O primeiro radica no facto de que, como refere, “as narrativas dominantes sobre os inovadores e as razões do seu êxito ignoram, em termos fundamentais, o processo profundamente coletivo e cumulativo que se encontra por detrás da inovação” (pp. 260-261). O segundo aspeto remete para o papel central do Estado no financiamento da investigação científica que sustenta os processos de inovação.

Destaco a extrema relevância do enfoque da autora sobre “a medida”, isto é, a forma como os indicadores de desempenho económico (em sentido lato) – como o PIB, os direitos de propriedade intelectual, as patentes, etc. – são, tal como os mercados, socialmente construídos, e, logo, passíveis de questionamento. Subjacente a esta reflexão estão debates e dicotomias vários como, por exemplo, valor *versus* riqueza ou atividades produtivas *versus* improdutivas. É fundamental atender às questões de valor e de medida no estudo dos fenómenos económicos, pois, como foi referido, a história do pensamento económico mostra como ambos foram objeto de transformações ao longo da história, e como atividades de extração de valor

foram sendo assumidas como atividades de criação de valor. O universo no qual esta questão surge de forma mais evidente é o dos mercados financeiros (capítulos 4 e 5), onde predominam atividades de extração de valor, já que estes “limitam-se a distribuir rendimento gerado por atividades noutros lugares e não aumentam esse rendimento” (p. 222). A esta evidência soma-se o facto de a lógica de funcionamento da finança se ter alargado a toda a economia “real” (capítulo 6).

O último capítulo, intitulado “Economia da esperança”, surge como um posfácio à obra, no sentido de apontar direções futuras de reflexão e, em particular, caminhos alternativos às leituras dominantes, pugnando por “uma economia que funcione para o bem comum” (p. 361) e, para tal, “recolocando o valor no centro do raciocínio económico” (p. 371). Embora imbuído de algum otimismo, quando refere, por exemplo, que as patentes dos produtos farmacêuticos poderiam ser abolidas (p. 303), esse otimismo pode constituir uma via para pensar e refletir sobre caminhos alternativos que devem ser equacionados no longo prazo, como a autora refere sistematicamente ao longo da sua obra. A obra merece ainda duas notas finais. Uma primeira é a forma por vezes escassa – e nem sempre suficientemente esclarecedora – de abordar a complexidade dos fenómenos tidos como “sociais”. Um exemplo é a questão da desigualdade, expressa no singular e quase exclusivamente focada nos rendimentos, quando as desigualdades devem ser entendidas no plural, tendo presente a multiplicidade de desigualdades existentes aos níveis social, cultural e político, ultrapassando o domínio económico. Também na abordagem da inovação, penso que é importante equacionar o conjunto de fatores que está na base da sua construção social, bem como incorporar a sua discussão na complexa matriz hierarquizada

de agendas políticas, atores e interesses. Com esse objetivo seria interessante convocar propostas analíticas de autores como Michel Callon (e a sua abordagem da teoria do ator rede)¹ ou Pierre Bourdieu (e a sua proposta de problematização do conceito de campo económico).²

Uma segunda nota é relativa às opções de linguagem da autora, que articula de forma curiosa um rigor explicativo com expressões mais comuns, visando possivelmente uma aproximação a um público mais amplo. Refiro-me ao uso de expressões como: “os trabalhadores são explorados porque os capitalistas metem ao bolso a mais-valia que os trabalhadores produzem acima das suas necessidades de subsistência” (p. 83); “Ironicamente, o comportamento desastroso dos grandes bancos que desencadeou o *crash* de 2008 obrigou os reguladores (sobretudo na Europa) a prolongar e complicar ainda

mais um processo, que já era árduo, de obtenção de um novo alvará, frustrando o seu plano de soltar uma horda faminta de ‘bancos concorrentes’” (p. 165).

Sugiro a leitura deste livro a qualquer cidadão que pretenda ser esclarecido sobre a análise do valor no pensamento económico e as respetivas consequências na estruturação da economia. E que pretenda entender a importância dos nomes que damos às coisas e o impacto que daí advém na configuração da realidade. Logo no início da obra, a autora refere como “As palavras são importantes” (p. 48), quem sabe se parafraseando Nanni Moretti enquanto Michele Apicella, no filme *Palombella Rossa* (1989), num diálogo irado com uma jornalista. Importa, de facto, refletir sobre as palavras e perceber o poder das narrativas na compreensão do mundo.

Luísa Veloso

¹ Ver, por exemplo, Callon, Michel (1986), “The Sociology of an Actor-Network: The Case of the Electric Vehicle”, in Michel Callon; Arie Rip; John Law (orgs.), *Mapping the Dynamics of Science and Technology. Sociology of Science in the Real World*. London: MacMillan Press, 358-376.

² Ver, por exemplo, Bourdieu, Pierre (1997), “Le champ économique”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 119, 48-66; Bourdieu, Pierre (2006), *As estruturas sociais da economia*. Porto: Campo das Letras. Tradução de Lígia Calapez e Pedro Simões; revisão técnica de Carlos Gomes [orig. 2000].

Vicente Ferreira

Estudante da Licenciatura em Economia no Instituto Superior de Economia e Gestão
da Universidade de Lisboa
Rua do Quelhas 6, 1200-781 Lisboa, Portugal
Contacto: vicentebaf@gmail.com

João Rodrigues

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra | Centro de Estudos Sociais
da Universidade de Coimbra
Avenida Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra, Portugal
Contacto: joaorodrigues@ces.uc.pt
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7595-3162>

Luísa Veloso

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa | Centro de Investigação e Estudos de Sociologia,
Instituto Universitário de Lisboa
Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa, Portugal
Contacto: luisa.veloso@iscte-iul.pt
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3668-1624>
